

## **Pedagogia para o jornal escolar**

A efetivação do potencial do jornal escolar precisa de um pensamento orientador, pois o fato de publicarmos um jornal bonito e com muitas páginas não significa, necessariamente, que ele trouxe algum benefício aos alunos. Pode mesmo acontecer o contrário! Suponhamos, por exemplo, que a vontade de fazer o melhor leve o educador a se exceder na revisão dos textos publicados, produzindo uma expressão escrita distante do que os alunos conseguiriam realizar sem essa intervenção. Os leitores do jornal provavelmente vão aprovar o resultado e parabenizar os alunos, que estarão assim participando de uma pequena fraude e tirando proveito dela no plano da satisfação pessoal. Algo nada bom para a sua formação...

As mídias escolares são qualificadas pelos processos de ensino-aprendizagem dos quais resultam. Um jornal escolar pode permitir a expressão de crianças e adolescentes ou reforçar as tendências autoritárias da escola; resultar de processos de ensino e aprendizagem libertadores ou de uma concepção de educação "bancária" (Paulo Freire); servir ao entendimento das dimensões comunitárias ou expressar uma visão narcisista ou alienada; manifestar uma compreensão crítica do papel da comunicação ou uma visão acomodada e consumista, fazer parte de processos ensino-aprendizagem ou ser apenas um instrumento de marketing escolar.

Com isso, dizemos que nada está decidido de antemão. O impacto do jornal escolar depende da coerência pedagógica com que for conduzido.

### **Jornal institucional, jornal estudantil, jornal escolar**

O jornal escolar é uma tradição iniciada nas primeiras décadas do século XX. O pensamento de Célestin Freinet (1896-1966), que inseriu o jornal escolar dentro de uma pedagogia ativa articulada à ideia de aproximar a escola da vida e dos interesses dos alunos, é a principal referência conceitual.

Em 1924, Freinet introduziu uma técnica da impressão (tipografia) na escola. Seus alunos passaram a imprimir seus textos e a enviá-lo a outras escolas. Sua prática foi sistematizada no livro *A Imprensa na Escola*, disponível em [www.jornalescolar.org.br](http://www.jornalescolar.org.br).

O jornal escolar é uma experiência de vida para o aluno, que se mobiliza para comunicar. Nesse engajamento, ele desenvolve seu julgamento e criatividade. A expressão "jornal escolar" passou, no entanto, a designar iniciativas com características diversas. É importante entender essas diferenças, pois equívocos podem nascer da confusão semântica.

- Numa primeira categoria, que chamaremos de **JORNAL INSTITUCIONAL**, o objetivo principal é a comunicação oficial. Jornais deste tipo veiculam informações para as famílias e o público, procurando valorizar o trabalho da escola ou mesmo da sua direção. Essa função faz com que sejam vulneráveis ao uso promocional - uma vontade de mostrar tudo funcionando perfeitamente. O acabamento de melhor qualidade é priorizado e a seleção e a revisão das produções acontecem sem participação dos alunos. A reescrita ou *copy-desk* é frequente. Esses jornais publicam muitos textos institucionais e chegam a ser editados por jornalistas profissionais, nas maiores escolas públicas e particulares. O *marketing* é o mal deste tipo de jornais, que não têm nenhum impacto nos processos ensino-aprendizagem.
- Os **JORNAIS ESTUDANTIS** constituem uma segunda categoria. Como seu nome indica, são produzidas pelos estudantes, organizados em Grêmios, Clube do Jornal, grupos culturais etc. O jornal estudantil prescinde, a rigor, da participação dos professores como animadores ou coordenadores (não como colaboradores, se os estudantes solicitarem), pois o controle editorial fica na mão dos próprios adolescentes. Do ponto de vista da reflexão educativa, o jornal estudantil faz parte tanto do campo da comunicação-educação como da pedagogia do protagonismo juvenil.
- Os **JORNAIS ESCOLARES** diferem dos anteriores, pois não têm como objetivo a divulgação institucional, nem são iniciativas autônomas dos estudantes. Eles fazem parte do projeto pedagógico das escolas e manifestam uma visão de educação que se sustenta no respeito pela expressão dos alunos. Nesses jornais, uma poesia vale tanto como um artigo de opinião e um texto manuscrito pode ser destaque da primeira página. O jornal pode eventualmente não trazer nenhum texto jornalístico, pois os próprios alunos escolhem o que é publicado, em interação com os professores. Esse é o legado de Celestin Freinet.

*É possível compatibilizar as três perspectivas?*

*É legítimo que os responsáveis pelo jornal escolar desejem divulgar também informações institucionais ou do Grêmio Estudantil, por exemplo. Nesse caso é recomendável que se criem espaços específicos para esses outros enfoques e, sobretudo, que eles ocupem espaços reduzidos, para não descaracterizar o projeto pedagógico.*

## Produto e processo

Nas práticas com mídias escolares, existe uma tensão entre a mídia-produto (o jornal impresso, o programa de rádio) e a mídia-processo (o percurso realizado pelo aluno e o professor durante a elaboração do produto).

Nas perspectivas instrumentalistas ou autoritárias, o comando passa por um determinado patamar de qualidade ou mesmo uma intencionalidade comunicativa, fixados de antemão. O processo é forçado a se adaptar a esse desejo, o que provoca diversas distorções.

Dentro de uma visão de coerência pedagógica, ao contrário, o produto (o jornal, na sua dimensão material) expressa o resultado de um processo de ensino-aprendizagem, assim como a vivência dos alunos durante sua produção. O aluno produz mídia testando e ampliando, com ajuda do educador, os limites de seus conhecimentos. Falaremos com mais detalhes sobre esta questão na continuidade deste documento.

Freinet alertava contra o fato de se esperar que o jornal escolar seja igual a um jornal de massa (comercial). Nunca poderia ser. A pauta (os assuntos escolhidos) nunca será tão diversificada, os textos nunca estarão tão bem escritos nem terão a mesma abordagem, a diagramação jamais será tão profissional, a impressão não terá a mesma qualidade.

*“Os nossos jornais não são imitações nem substitutos de jornais adultos. São uma produção original que tem a partir de agora as suas normas e as suas leis, que tem, é certo, as suas imperfeições, mas que apresenta também a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e de prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade.”*

*(Celestin Freinet, O Jornal Escolar, 1926).*

O imperativo pedagógico de considerar o jornal como um produto subordinado ao processo que o origina, não significa, em hipótese nenhuma, que o educador deva se contentar com aquilo que o aluno é capaz de produzir de forma espontânea. Ao contrário. A criança ou o adolescente sabe que estará comunicando com outras pessoas. Sabe que essas pessoas vão formar uma ideia sobre o que ele escreveu ou desenhou. Ele participa, portanto, de uma experiência de vida significativa através da interação social, ficando motivada para fazer melhor. Seria imperdoável o educador desperdiçar essa oportunidade educativa.

# Produzindo o conteúdo do jornal

Contrariamente ao que a própria expressão poderia indicar, jornal escolar não é jornalismo. Nossas escolas não são escolas de jornalismo. Propomo-nos acolher, incentivar e alimentar a expressão de crianças e adolescentes, através de processos que permitam a aquisição de competências leitoras e escritoras, de cooperação, criticidade, participação social e outras. Qualquer gênero textual permite realizar esses objetivos, se houver estratégias adequadas do professor.

Limitado aos gêneros jornalísticos, o jornal fica engessado e mesmo empobrecido – sobretudo se toma feições de boletim institucional da escola. Ao contrário, se libertamos as forças da criatividade, o jornal escolar se apresentará como um patchwork de textos, cuja graça está na diversidade e na autenticidade das produções dos alunos.



## Texto para reflexão

*Do livro Alfabetização e Lingüística, Luiz Carlos Cagliari.  
São Paulo: Editora Scipione, 1989, pag. 100-102*

*A escola é talvez o único lugar onde se escreve muitas vezes sem motivo... (...) Estamos tão acostumados a ler e escrever na nossa vida diária, que não percebemos que nem todos lêem e escrevem como nós, mesmo os que vivem bem próximo. Em muitas famílias de classe social baixa, escrever pode se restringir apenas a assinar o próprio nome ou, no máximo, a redigir listas de palavras e recados curtos. Para quem vive nesse mundo, escrever como a escola propõe pode ser estranhíssimo, indesejável, inútil. Porém, os que vivem num meio social onde se lêem jornais, revistas, livros, onde os adultos escrevem freqüentemente e as crianças, desde muito cedo, têm seu estojo cheio de lápis, canetas, borrachas, régua etc. acham muito natural o que a escola faz, porque, na verdade, representa uma continuação do que já faziam e esperavam que a escola fizesse. Portanto, alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência na sociedade é diferente de alfabetizar grupos sociais que acham que a escrita, além de necessária, é uma forma de expressão individual de arte, de passatempo. (...)*

*Em escolas de periferia, alguns alunos não participam com empenho do aprendizado da escrita, porque acham que a escola faz o que não lhes interessa e deixa de fazer o que seria útil para eles. A professora pode, logo no início do ano, fazer um levantamento junto às classes para saber de suas aspirações e de sua situação lingüística, incluindo, é claro, questões muito específicas sobre o que representa a escrita para as crianças, para que serve, como os adultos a usam, quando e o que se deve escrever etc. As crianças gostam de ser ouvidas, de participar do planejamento das atividades escolares, sobretudo na alfabetização.*

*Partindo das expectativas das crianças, a escola pode discutir com elas outros aspectos da escrita que talvez elas não tenham visto ou em que nem sequer pensaram.*

*Escrever é também uma forma de expressão artística e até um passatempo. As crianças podem ficar muito motivadas para escrever; por outro lado, se elas não tiverem uma motivação real, poderá ser inútil mostrar-lhes toda a parafernália de letras e rabiscos própria da alfabetização. Isso vale também para atividades de escrita ao longo das outras séries. Muitos alunos têm de escrever redações sobre temas absurdos, como "A fazenda da vovó", "Pingo d'água" e outros; na maioria dos casos não conseguem a chance real, na escola, de escrever o que gostariam e da forma como gostariam. Para minha surpresa, ao deixar as crianças escreverem textos espontâneos, pude observar que elas se preocupam em expor conceitos muito pessoais, como sua visão do mundo, da vida, de maneira objetiva e direta ou através de uma fantasia semelhante à dos contos de fada. A maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em conseqüência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional.*

## **Como tornar a escrita na escola um ato prazeroso?**

1. Alguns gêneros textuais são mais propícios para a expressão dos alunos do que outros. Recomendamos história de vida (autobiográfica ou de terceiros), história em quadrinhos, poesia, bilhete opinativo ou argumentado e texto de opinião.
2. Se não puder trabalhar textos livres (o aluno escreve sobre o que quer, usando o gênero que mais lhe convêm), deixe que escolha o gênero textual que irá utilizar, ou o conteúdo da comunicação. Não determine ao mesmo tempo gênero e conteúdo, pois isto pode caracterizar a escrita como um exercício escolar.
3. Ao avaliar um texto, privilegie a comunicação, estabelecendo uma relação afetiva com o texto e o seu autor. Não foque inicialmente nos aspectos gramaticais. Deixe isso para um segundo ou terceiro momento, depois de valorizar a capacidade de expressão do aluno.

4. Não tenha uma visão acadêmica do gênero textual, que exige completude e perfeição. Se o aluno tem dificuldade para defender pontos de vista, um texto com um argumento sólido já é um texto de opinião suficiente, mesmo que fale de futebol e não contra-argamente com os que pensam de maneira diferente (o que seria exigido pela regras formais). Como sempre, em processos de aprendizagem tudo é relativo ao momento do aluno.
5. Do mesmo modo, considere que não existe "o melhor texto". Cada aluno tem seu melhor texto, que representa sua capacidade máxima de expressão escrita no momento. Se você se pautar pelo melhor texto absoluto, o jornal escolar servirá apenas para os melhores alunos. Isto é, ele irá participar de uma lógica de exclusão!

## **Os três desafios pedagógicos do jornal escolar**

### **Desafio 1 – A escolha dos conteúdos**

O potencial renovador do jornal desapareceria por completo se os conteúdos fossem determinados pela tradição da redação escolar, na qual o professor escolhe o tema sobre o qual se irá trabalhar e o aluno tem de se adaptar a uma diretriz que não necessariamente reflete seus interesses e sua vida. Essa forma de escolher os conteúdos está em contradição com um dos fundamentos do jornal escolar, que é justamente permitir a expressão dos autores, fazendo dessa expressão a base do prazer em escrever. O educador tem quatro opções:

#### **Texto livre**

É um enfoque que respeita totalmente os interesses dos alunos, pois cada um escreve sobre o assunto que quiser, escolhendo também o gênero textual.

#### **Conteúdo livre, com gênero textual definido**

O educador determina o gênero textual, ficando os alunos livres para escolherem o tema sobre o qual desejam escrever.

#### **Conteúdo direcionado para área temática, sem gênero predefinido.**

Neste enfoque, há um direcionamento para uma determinada área temática que deverá ser suficientemente ampla e genérica, para possibilitar diversas abordagens (exemplos: cultura na comunidade, aquecimento global).

### **Área temática e gêneros predefinidos.**

É o enfoque de maior risco, pois o aluno fica preso a dois condicionantes do educador (gênero textual e área temática). Não é impossível trabalhar desse modo, mas a vigilância deve ser redobrada na problematização da área temática, para que o jornal não vire um exercício escolar, perdendo seu sentido pedagógico.

É possível combinar vários desses enfoques. Por exemplo, determinada parte da publicação fica disponível para gêneros textuais e conteúdos livres, outra parte tem orientação temática ou de gênero textual.

O respeito à liberdade de expressão dos alunos pode criar situações delicadas, quando eles abordam assuntos que a direção ou os professores prefeririam não ver abordados. O pior reflexo, nesses casos, é a censura, que destrói o próprio projeto educativo. Aconselha-se respeitar a liberdade de expressão e de pensamento dos alunos, condicionada a algumas normas básicas, como a obrigação de "ouvir o outro lado" e mesmo conceder direito de resposta. É claro que, em nenhuma hipótese, a liberdade de expressão pode ser entendida como direito de difamar, caluniar ou invadir a privacidade de outras pessoas.

### **Desafio 2 – O aprimoramento dos conteúdos**

A revisão e correção das produções é essencial por dois motivos:

- Não existe progressão se a pessoa não trabalha para ampliar seus limites, revisando e aprimorando seu trabalho. A cada fase, abre-se uma Zona de Desenvolvimento Proximal (Vygotsky) que o indivíduo explora com a ajuda do educador ou de um colega mais avançado.
- A escola não pode divulgar produções que vulnerabilizem o aluno, expondo-o a piadinhas e mesmo a reprimendas. Isso seria um contra-senso no plano moral e educativo. Afinal, a produção de mídia escolar está fundamentada em uma Pedagogia do Sucesso (Freinet) que enaltece as vitórias dos alunos.

Assim, recomenda-se que o educador organize sucessivas revisões e correções para aprimorar as produções dos alunos. Não existe melhor oportunidade para a compreensão da utilidade da revisão por parte do aluno que o momento em que envia seu texto para o jornal. É quando ele percebe a visibilidade que irá adquirir na sua comunidade geracional ou territorial, e se motiva para realizar um bom trabalho.

É possível trabalhar com autorrevisão, revisão coletiva, revisão em pequenas turmas - nos dois últimos casos, a participação dos pares é um valor agregado - ou exercícios individuais (muito útil para o trabalho com alunos que precisam de mais atenção). Cabe ao educador escolher e combinar essas possibilidades.

É importante enfatizar que a revisão de um texto não é o momento final da produção. É um trabalho constante, feito a cada momento em que se volta ao texto, cuja produção requer duas ou mais reescritas.

### O que fazer com textos de crianças não alfabetizadas?

Quando os textos são publicados na forma manuscrita – que é usualmente o caso de produções das pessoas não alfabetizadas – o fato de a caligrafia ser hesitante indica que o autor é uma pessoa que ainda não domina os códigos da escrita. Isso modifica totalmente a percepção do que seja um "erro", por parte do leitor. Para reforçar uma percepção tolerante, essas produções podem ser reunidas em uma seção especial do jornal, com o aviso "Esta seção publica textos de alunos em fase de alfabetização" ou frase parecida.

### Limite para a revisão

A intervenção do educador na revisão e na correção dos textos tem um limite ético intransponível, que é o respeito das ideias e da capacidade de expressão do aluno. Não se trata de inventar uma capacidade de produção inexistente. O texto, mesmo simples, é válido se expressa o esforço máximo do aluno, realizado com o apoio do professor. A melhoria artificial do texto (*copy-desk*) pode ser interpretada pelo aluno como uma pequena fraude. Péssimo!

Por outro lado, é necessário distinguir a imperfeição do erro. Uma produção pode não ser perfeita, mas não deve apresentar erros (de ortografia, de informação etc.). Imperfeições podem ser aceitas, como limitação inerente ao momento da aprendizagem e/ou ligada à capacidade expressiva do aluno; erros não.

### **Desafio 3 – A seleção das produções para o jornal**

Frequentemente é difícil, se não impossível, divulgar a produção de todos os alunos no jornal escolar. A seleção é, portanto, necessária.

Selecionar é, porém, um ato delicado, pois um encaminhamento errado pode gerar frustrações e mesmo conflitos entre os alunos. De início, deve ficar claro que o caminho mais fácil – a seleção feita pelo próprio educador – é também o caminho menos produtivo. Com efeito, mesmo sendo uma seleção "justa", compromete um



aspecto fundamental do jornal escolar, que é a aprendizagem da cooperação. No momento da seleção das produções, essa aprendizagem acontece por meio dos debates e votações para a escolha das produções a serem divulgadas. Quando a seleção final dos textos é feita apenas pelo educador ou um pequeno grupo de alunos, o jornal fica preso na tradição autocrática da escola perdendo boa parte de seu potencial transformador.

A proposta da seleção cooperativa abre um novo campo. Nesta segunda via, de início, o educador deve esclarecer aos alunos o problema: não há, objetivamente, espaço para todas as produções e terá de haver uma seleção. Um bom Combinado (acordo de trabalho) permite trabalhar a questão:

- Todos os alunos terão chances iguais de divulgação;
- As produções serão escolhidas democraticamente;
- Os mesmos alunos não poderão ser sempre selecionados;
- As produções indicadas passarão por processo de aprimoramento coletivo, com participação de todos;
- O professor poderá ter uma cota de produções para indicação própria (veja a seguir).

Veja uma dinâmica simples para selecionar textos cooperativamente:

*Dividir os alunos em grupos (tantos grupos como textos deverão ser escolhidos). Cada grupo troca seus textos com outro grupo e escolhe um para publicar no jornal. Depois os alunos apresentam os critérios.*

*Informar, antes de iniciar a atividade, que o educador também tem direito a escolher textos.*

### **Educador também tem direito a selecionar**

É legítimo que o educador tenha direito a uma cota de indicações, para garantir a divulgação de produções que considere importantes. Pode-se imaginar, facilmente, que deseje publicar o texto de um aluno que “está por baixo” por algum motivo, e precisa reforçar a autoestima. Ou então valorizar a produção de um aluno apresenta dificuldades de aprendizagem, mesmo que considerada(o) no absoluto, o texto desse aluno não seja tão bom quanto os dos outros.

Se essa possibilidade for esclarecida desde o início, não haverá nenhum problema de aceitação por parte dos alunos. Transparência é fundamental nesse processo.

## **Produção cooperativa**

Uma possibilidade para reduzir o número de textos a selecionar é realizar produções cooperativas, com participação de vários alunos.

Na produção coletiva, todos os alunos participam de todas as etapas. O tema do texto é escolhido em comum acordo, a redação e a ilustração são feitas em conjunto. O grande desafio é manter a identidade individual, algo mais fácil se os grupos de trabalho forem pequenos (não mais do que 4 ou 5 alunos). Trata-se de uma maneira de trabalhar bastante exigente para o educador.

Uma solução que apresenta menos dificuldades é a divisão de tarefas. Um aluno fica encarregado do título, outro da redação, um terceiro da ilustração. Na divisão de tarefas, o aluno pode ficar frustrado pelo fato de não constituir o mesmo desafio, nem gerar a mesma satisfação, produzir o título e a matéria do jornal. O educador pode, porém, guiar a constituição dos grupos, de modo que as tarefas sejam desafiadoras para todos, considerando o momento e a aprendizagem de cada um. Este esquema é muito útil quando existem no grupo alunos com diferentes graus de domínio da escrita e mesmo não alfabetizados.